



HOSPITAL DE PORTO UMA TRAJETÓRIA DE MAIS DE MEIO SÉCULO

HOSPITAL DE PORTO A TRAJECTORY OF MORE THAN A CENTURY

Mateus Gomes da Silva Filho ¹
Anderson de Oliveira Ireno ²
Raimundo Célio Pedreira ³

¹ Acadêmico do Curso de Medicina – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

² Acadêmico do Curso de Medicina – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

³ Professor – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

RESUMO

O hospital é parte integrante de um sistema coordenado de saúde, cuja função é dispensar à comunidade completa assistência à saúde, tanto curativa quanto preventiva, incluindo serviços extensivos à família, em seu domicílio e ainda um centro de formação para os que trabalham no campo da saúde e para as pesquisas biossociais. A unidade hospitalar do município de Porto Nacional, na década de 1960 recebia o nome Hospital Dr. Francisco Ayres, o qual era mantido pela OSEGO (Organização de Saúde do Estado de Goiás) e SESP (Serviço Especial de Saúde Pública). Possuía 50 leitos, para assistência a gestantes, crianças, adultos, e cirurgias eletivas em dois dias, pronto atendimento e urgências, havia também o serviço de visitas domiciliares. Posteriormente passou a chamar-se Hospital de Referência de Porto Nacional (HRPN), e depois Hospital Regional de Porto Nacional (HRPN). No decorrer dos capítulos, destacamos o início do HRPN, primeiros diretores, equipes multiprofissionais de saúde, personalidades marcantes na construção da história da instituição. O trabalho consiste em uma obra literária versando sobre o HRPN, com intuito de valorizar a instituição a partir de aspectos históricos.

Palavras-Chave: Hospital. Hospital Dr. Francisco Ayres. Hospital Regional de Porto Nacional.

ABSTRACT

The hospital is an integral part of a coordinated health system, whose function is to provide the entire community with comprehensive health care, both curative and preventive, including family-based services at home, as well as a training center for those working in the field and for biosocial research. The hospital unit of the municipality of Porto Nacional, in the 1960s, was named Hospital Dr. Francisco Ayres, which was maintained by OSEGO (State Health Organization of Goiás) and SESP (Special Public Health Service). It had 50 beds, to assist pregnant women, children, adults, and elective surgeries in two days, ready care and urgencies, there was also the home visits service. Subsequently, it was renamed Reference Hospital of Porto Nacional (HRPN), and then National Hospital of Porto Nacional (HRPN). During the chapters, we highlight the beginning of the HRPN, first directors, multiprofessional health teams, outstanding personalities in the construction of the history of the institution. The work consists of a literary work about the HRPN, with the purpose of valuing the institution from historical aspects.

Keywords: Hospital. Dr. Francisco Ayres Hospital. Regional Hospital of Porto Nacional.

1 INTRODUÇÃO

A palavra hospital origina-se do latim *hospitalis*, que significa “ser hospitaleiro”, acolhedor. No início da era cristã há uma confluência de significados, latim e grega, em que o hospital possui o mesmo significado de *nosocomium*, lugar dos doentes, asilos dos enfermos e *nosodhochium*, que significa recepção de doentes (LISBOA, 2002).

O hospital faz parte de um sistema articulado de saúde, cuja função é dispensar à comunidade completa assistência à saúde, nos distintos aspectos, curativo e preventivo, incluindo serviços extensivos à família, em seu domicílio, ademais pode possuir função pedagógica, como um centro de formação para os que trabalham no campo da saúde e para as pesquisas biossociais (OMS, 1957).

A unidade hospitalar do município de Porto Nacional, na década de 1960 recebia o nome Hospital Dr. Francisco Ayres, o qual era mantido pela OSEGO (Organização de Saúde do Estado de Goiás) e SESP (Serviço Especial de Saúde Pública). No princípio possuía 50 leitos, para assistência a gestantes, crianças, adultos, e cirurgias eletivas em dois dias, pronto atendimento e urgências, havia também o serviço de visitas domiciliares (MANZANO e MANZANO, 2005, p. 49).

Posteriormente passou a chamar-se Hospital de Referência de Porto Nacional (HRPN), e depois Hospital Regional de Porto Nacional (HRPN) (MANZANO e MANZANO, 2005, p. 49).

O presente trabalho consiste em uma obra literária versando sobre o HRPN, com o objetivo de valorizar a instituição a partir de aspectos históricos. No decorrer dos capítulos, destacamos o início do HRPN, primeiros diretores, equipes multiprofissionais de saúde e personalidades marcantes na construção da história da instituição.

2 METODOLOGIA

2.1 DESENHO DO ESTUDO

Estudo de aspectos históricos envolvendo o HRPN, remontando as suas contribuições e dificuldades ao longo dos anos, bem como personalidades que influenciaram e auxiliaram em seu desenvolvimento, além de eventuais registros fotográficos do período em estudo.

2.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Os arquivos foram buscados nos registros do Hospital Regional de Porto Nacional (HRPN), Governo do Estado de Tocantins, Secretaria Estadual de Saúde, Prefeitura Municipal de Porto Nacional, Secretaria Municipal de Saúde de Porto Nacional, documentos do museu municipal e arquivos pessoais de colaboradores. No primeiro semestre do ano de 2019.

2.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Personalidades que participaram da construção histórica do HRPN bem como os setores administrativo e de recursos humanos da instituição.

2.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Serão incluídos neste estudo dados e documentos oficiais e pessoais referentes ao HRPN desde sua fundação.

2.5 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Relatos com conteúdo escasso ou pouco confiável poderão ser excluídos.

2.6 VARIÁVEIS

Documentos e registros oficiais, depoimentos de personalidades relacionadas ao HRPN.

2.7 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, ANÁLISES E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Pesquisa nos arquivos do HRPN, Governo do Estado de Tocantins, Secretaria Estadual de Saúde, Prefeitura Municipal de Porto Nacional, Secretaria Municipal de Saúde de Porto Nacional, documentos do museu municipal e arquivos pessoais de colaboradores.

Através de entrevista pessoal e busca direta aos arquivos foram colhidas as informações pertinentes à instituição.

Os dados foram analisados no interior do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos e serão levadas em conta a fonte oficial e concordância histórica. Os dados apresentados estão devidamente trabalhados nos programas Microsoft Office Word 2007, Microsoft Office Excel 2007 e Corel Draw Graphics Suite X8, com produção de gráficos, tabelas e imagens.

3 PORTO NACIONAL

A história de Porto Nacional (TO) está ligada à navegação pelo rio Tocantins e à extração de ouro que trouxe muitos garimpeiros. A mineração foi responsável pela maioria dos pequenos núcleos de habitantes que se estabeleceram na região. A travessia de mineradores, tropeiros, mascates e viajantes era realizada em barcos do corajoso desbravador de origem portuguesa Felix Camôa (barqueiro e primeiro morador do local). O povoado de Porto Real do Pontal teve sua origem, em meados de 1738 (PPN, 2019).

Os bandeirantes chegaram à região pelo sul da Província de Goiás, no final do século XVI, quando o capitão Sebastião Marinho organizou a primeira bandeira conhecida que atingiu as nascentes do rio Tocantins, por volta de 1592. Em 1723, Bartolomeu Bueno da Silva anunciou a descoberta de ouro na região e, com o início da exploração desse minério, surgiram vários povoados, entre eles Porto Real (atual Porto Nacional), em 1738. A instalação do destacamento militar encarregado da vigilância da navegação também incentivou o povoamento (IPHAN, 2019).

Anos mais tarde, em 1791, o cabo Thomaz de Sousa Villa Real estabeleceu uma rota de comércio sul-norte e instalou um destacamento militar na região. Com a privilegiada localização entre dois povoados mineradores importantes, Pontal e Carmo, surge Porto Real, que se desenvolve com o comércio e a navegação. Com certeza foi a força e a velocidade dessas águas que proporcionou a pujança e um desenvolvimento palpável. Isso se confirmou no principiar de 1807, quando Porto Real do Pontal já se transformara num núcleo de grande importância para toda região (IPHAN, 2019).

Em 1831, Porto Real é elevado à categoria de vila, com o nome de Vila de Porto Imperial. Com esse progresso, em 18 de Março de 1809, o

lugarinho foi elevado à categoria de Julgado, se solidificando como o senhor do rio e se destacando, quase que sozinho, motivado pelo visível declínio da mineração naquelas bandas, principalmente no arraial do Carmo e no belicoso desaparecimento de Pontal, povoado encravado nas terras dos selvagens índios Xerentes, que em 1805 dizimou parte da população que ali vivia (IPHAN, 2019).

Por necessidade do estabelecimento de uma nova rota comercial entre o movimento Porto Real do Pontal e centros mais desenvolvidos daquele Brasil colonial, se instalou no lugarinho uma obreira carpintaria e dela surgiram grandes rumo a Belém, levando, além do ouro, muita prata e outros produtos produzidos e retirados desta terra de Félix Camoa, para serem ali negociados (IPHAN, 2019).

Foi com o surgimento deste porto comercial que também aconteceram os primeiros passos desta comunidade rumo às áreas administrativas, intelectual, cultural e religiosa. Com essa estrutura, era certa a evolução administrativa do lugar. E foi isso que ocorreu, por força de lei provincial. A 14 de Novembro de 1831, ano em que D. Pedro I abdicou ao trono, o Julgado de Porto Real foi elevado à Porto Imperial. Aquela outorga definia em lei a sede definitiva do município, que por legislação pertinente tinha de receber órgãos de administração pública com a competência de normatizar o cotidiano daquela já destacada comunidade (IPHAN, 2019).

No início da década de 1860, Porto Imperial havia se transformado em um importante empório comercial, com muitos comerciantes, comércio fluvial intenso com o Norte e mais de 4.000 habitantes. Em 1861, adquire o título de cidade e recebe o nome de Porto Nacional e, em 1868, Couto Magalhães fundou a Campanha de Navegação Araguaia, com navios a vapor para desenvolver a economia do norte de Goiás (atual Estado de Tocantins) (IPHAN, 2019).

Após a contagem evolutiva de trinta anos da instalação de Porto Imperial exatamente em 13 de julho de 1861, por determinação da resolução provincial nº 333, assinada por José Martins Alencastro, presidente da Província de Goiaz, nascia assim Porto Nacional, o mais importante pólo cultural, político, econômico e social do então Norte Goiano, hoje Estado do Tocantins. Naquele dia foi entregue as autoridades do lugarejo o diploma de Emancipação Política do Município que deu seus primeiros passos no antigo Porto Real do Pontal, onde tudo começou, com sonhos, ouro, fé, crença no futuro (PPN, 2019)

Segundo o escritor Durval Godinho, naquele momento histórico em que Porto Nacional ganhou a condição de município, um relatório do Governo da Província de Goiaz, encaminhado documento à Assembleia Legislativa Provincial, oficializando que pelo senso de 1861, realizado na localidade, constatou que ali havia uma população de 3.897 pessoas livres e 416 escravos, perfazendo um apontou a existência de 3 escolas para alunos do sexo masculino e uma para estudantes de sexo feminino (PPN, 2019)

A cidade passa a viver um período importante para a expansão de sua área construída, com a chegada, em 1886, dos primeiros religiosos da Missão Dominicana vindos da Europa que se instalam na cidade, onde constroem praças, vielas e casarões (IPHAN, 2019).

O crescente vai-e-vem de aventureiros, de um lado para o outro do rio, não tardou que outros barqueiros aproveitassem a ideia do pioneiro lusitano e também comercializassem a travessia dos chegantes. Dessa forma, ao aproximar-se o início do século XIX, inúmeros casebres começaram a desenhar um pequeno aglomerado humano, abrigando ali agricultores, pescadores, trabalhadores preparados para o transporte de cargas em direção aos dois arraiais, e mineradores, muito mineradores, na busca diuturna das mais espetaculares pepitas de ouro já encontradas na região

(PPN, 2019). Dessa junção de fatores no decorrer dos anos, ergueu um povoado estável e cristalizado em estruturas econômicas e sociais, alicerçados nas margens do rio Tocantins. Não se pode negar o determinismo nesse rico processo evolutivo, pois os registros históricos dão conta de que tudo se iniciou com a observação da significativa capacidade de navegação desse rio, que provocou a transformação de ribeiras da localidade no mais importante empório comercial de todo Norte (PPN, 2019)

Segundo o último censo realizado em 2010 a população é de 49.146 pessoas, com a estimativa de aumentar para 52.700 pessoas em 2018. Em 2016, o salário médio mensal era de 2.2 salários mínimos e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 16.3%, apresenta 65.7% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 85% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 1.7% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 36.9% da população nessas condições, o que o colocava na posição 130 de 139 dentre as cidades do estado e na posição 3197 de 5570 dentre as cidades do Brasil, o PIB per capita de 2016 é de R\$ 28.589,65 deste 64,2% da receita é fonte externa, e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) 0,740 (IBGE, 2019).

4 HOSPITAIS

A palavra hospital origina-se do latim *hospitalis*, que significa “ser hospitaleiro”, acolhedor. No início da era cristã há uma confluência de significados, latim e grega, em que o hospital possui o mesmo significado de *nosocomium*, lugar dos doentes, asilos dos enfermos e *nosodhochium*, que significa recepção de doentes (LISBOA, 2002).

No princípio o aspecto religioso fazia-se presente no surgimento da medicina grega com o deus da saúde e da medicina Apolo, assim como os sacerdotes, os primeiros a exercer a arte de curar, seguindo com medicina empírica, magia e feitiçaria. O teor científico dos métodos de cuidar, surgiu apenas na era pós-hipocrática. Concomitantemente, ao longo de sua evolução os hospitais tiveram fundamentos associados aos deveres sagrados, impulsionados pelo cristianismo, e o espírito de caridade do setor religioso, como cuidar de órfãos, viúvas, fornecer hospitalidade aos estrangeiros, peregrinos e leprosos (LISBOA, 2002).

No mundo ocidental, o primeiro hospital (*nosocomium*) construído nos arredores de Roma, vinculado a preceitos de caridade da Matrona Fabíola, esta posteriormente canonizada entre 380 e 400 d.C.

O primeiro hospital de que se tem relato no continente americano, foi construído no México, edifício levantado por Cortez em 1524. Duas décadas mais tarde, surge no Brasil instituição semelhante, a Santa Casa de Misericórdia de Santos, criada por Braz Cubas no ano de 1543. Por conseguinte, soergueu-se no Canadá em 1637 sua primeira casa de assistência. No lado norte do continente, os Estados Unidos da América (EUA), instalaram o seu primeiro hospital para fornecer assistência a soldados feridos, este localizado em uma das ilhas de Manhattan, existindo em 1663 (MS, 1965).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1957, definiu especificamente a instituição:

O hospital é parte integrante de um sistema coordenado de saúde, cuja a função é dispensar à comunidade completa assistência à saúde, tanto curativa quanto preventiva, incluindo serviços extensivos à família, em seu domicílio e ainda um centro de formação para os que trabalham no campo da saúde e para as pesquisas biossociais.

Ademais, os hospitais possuem como função complementar, prevenir a doença, restaurar a saúde se adaptando às realidades regionais e municipais, exercer e ser local de aprendizagem educativa e promover, estimular a pesquisa (LISBOA, 2002).

As organizações de assistência médica e social, podem ser especificadas como instituições hospitalares e para-hospitalares. Ambas dotadas de vários princípios, desde proteção da saúde, promovendo bem-estar, até cura e reabilitação dos doentes. Tomando como referência a assistência hospitalar, esta é exercida por meio dos hospitais gerais que abrange todas ou várias doenças. Ademais, as instituições são diferenciadas em não oficiais ou particulares e oficiais ou de governo. As primeiras podem ser divididas em três tipos, filantrópicas, de finalidade não lucrativa e de finalidade lucrativa, estas se expressam no meio social através de institutos de caridade, assistência gratuita, ligadas a igreja e corporações. As oficiais se consolidam através da esfera Federal, Estadual e Municipal (MS, 1965).

Nessa linha lógica, a lotação, o número de leitos define os hospitais em tipo pequeno (25 a 49), médio (50 a 140), grande (150 a 500), extra ou especial (mais de 500 leitos). Paralelamente os hospitais possuem finalidade de participar do processo de ensino e aprendizagem, para cumprir os critérios para essa prática o Colégio Americano dos Cirurgiões, classifica as instituições enquanto a possibilidade de comportar essa vertente educativa, em aprovada plenamente, aprovada provisoriamente e não aprovada. No que concerne a prática profissional nas entranhas hospitalares, podem ser considerados fechados ou abertos, o primeiro possui corpo clínico efetivo e não permite o acesso de médico estranho, por outro lado, o aberto pode ou não ter corpo médico único e permitem o fluxo de profissionais não vinculados a instituição (MS, 1965).

5 HOMENAGEANDO O DOUTOR FRANCISCO AYRES DA SILVA

A unidade hospitalar de Porto Nacional, durante boa parte de sua existência recebeu o nome do médico Francisco Ayres da Silva. Dr. Chiquinho, como era conhecido pela cidade, nasceu em 11 de setembro de 1872 em Porto Nacional, filho de Joaquim Ayres da Silva e Rachel Pinto Cerqueira Ayres. Seguiu para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Faculdade de Medicina e Farmácia, concluiu sua formação em 1899 e voltou a Porto Nacional, onde dedicou-se a cuidar dos conterrâneos, ademais era professor, jornalista e político. O mesmo carrega em sua história, o fato de ser o primeiro cidadão do norte Goiás a formar-se em medicina. É reconhecido também pela sua escrita, anotações de viagens pelo rio Tocantins, e pela obra Caminhos de Outrora onde discorre sobre como trouxe um automóvel e um caminhão do Rio de Janeiro vindo pela Bahia, sem estrada e sem pontes até chegar em Porto Nacional (OLIVEIRA, 1997).

Francisco Ayres, tinha estreita relação com sua terra de origem, fato exteriorizado pelo regresso a sua gênese, paralelamente dedicou-se a cuidar da saúde da população portuense e de municípios adjacentes, com dignidade e humanidade incomparável. O mesmo influenciou na postura da população, no que tange a vigilância e saúde pública, orientando e tratando, desde de malária, verminoses, surtos diarreicos, a limpeza das ruas, lotes baldios e a manutenção das fontes de águas livres de contaminação (OLIVEIRA 1997).

Paralelamente ao grande médico, o jornalismo também era proeminente em sua vida, tendo fundado em 1905 o Jornal Norte de Goyaz, através do qual fazia crítica ao isolamento e marginalização da região norte (MACEDO e MENESES, 2015)

Segue descrição de José Mendonça Teles, citado por Oliveira (1997, p. 123):

“Vivendo naqueles ermos de Goiás, distante do Rio Janeiro, sem nenhum meio rápido de comunicação, o trabalho de Francisco Ayres era, entretanto, reconhecido pelas instituições culturais e científicas, que lhe condecoravam, mesmo à distância. Assim é que, em 1910, era admitido como Sócio Honorário, com medalha de Primeira Classe por mérito científico universitário da Academia Físico-Química Italiana de Palermo. E no ano de 1930, recebia o diploma de Sócio Correspondente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Espírito humanitário, o médico Francisco Ayres jamais deixou

de atender um chamado. Sua fama corria todo o sertão.” E durante meio século o discípulo de Hipócrates exerceu um verdadeiro ministério, dedicando o período mais importante de sua vida em socorro as populações mestiças e espalhadas pelas margens do Tocantins, sempre esquecidas e preteridas dos benefícios do progresso”.

Francisco Ayres, foi homenageado após sua morte, o hospital de referência do Estado do Tocantins recebe o seu nome, denominado Hospital Geral de Palmas Dr. Francisco Ayres (CNES, 2019).

6 FUNDAÇÃO HOSPITALAR

A unidade hospitalar do município de Porto Nacional, originalmente iniciou-se quando a cidade ainda pertencia ao Estado de Goiás e recebia o nome Hospital Dr. Francisco Ayres, o qual era mantido pela OSEGO (Organização de Saúde do Estado de Goiás) e SESP (Serviço Estadual de Saúde Pública), era composto por uma Unidade Mista de Saúde no ano de 1967 (MANZANO e MANZANO, 2005, p. 49). Inicialmente o hospital possuía 50 leitos, para assistência a gestantes, crianças, adultos, cirurgias eletivas em dois dias, pronto atendimento e urgências, havia também o serviço de visitas domiciliares (MANZANO e MANZANO, 2005, p. 75). Posteriormente passou a chamar-se Hospital de Referência de Porto Nacional (HRPN), e depois Hospital Regional de Porto Nacional (HRPN). Ademais a prática hospitalar baseava-se em clínica médica, clínica cirúrgica, obstetrícia, e ambulatórios para doenças transmissíveis e doenças tropicais, na década de 1980, foi montada uma unidade obstétrica, composta por maternidade, sala de parto e berçários (SESAU, 2010).

Desde o principio, a capacidade e potencialidade do hospital jamais foi questionada, mesmo que isolado na região norte do então Estado de Goiás, fazia de sua simplicidade uma apoteose no quesito de produção de saúde, um fato na década de setenta dentre outros mais convincente, enquanto às grandes realizações efetivadas na instituição, Manzano e Manzano (2005, p. 70) narra:

Uma noite recebemos um paciente que em uma briga numa “reza” sofreu uma facada precordial e apesar de estar em estado de choque, chegou vivo e o levamos urgentemente ao centro cirúrgico. Como sempre o Azevedo começou com uma oração. Eu que já era o anestesista do grupo, fiz a anestesia, que foi a primeira tendo que entubar os dois brônquios do paciente para abrir o tórax e desinsuflar o pulmão esquerdo para facilitar o acesso ao campo cirúrgico da facada. Foi constatado o ferimento cardíaco, tendo o Azevedo realizado a sutura do coração e o fechamento do pericárdio. O Dr. Dóris ajudou a cirurgia e ficou segurando o coração tendo participado de uma recuperação por massagem de parada cardíaca; ficou entusiasmado com esse fato raro, uma vez que participava só de ambulatórios nos últimos anos e escreveu para o Secretário de Saúde dizendo que havia sido feita a primeira cirurgia de coração do norte goiano. Na época, o Dr. Bernard havia realizado na África do Sul o primeiro transplante cardíaco, passando a ideia de que as grandes cirurgias eram realizadas não nos grandes centros médicos, mas nos lugares longínquos. Assim, após alguns dias recebemos os jornais de Goiânia com as manchetes “Realizada em Porto Nacional a primeira cirurgia cardíaca do Norte de Goiás”. Foi o bastante para a equipe se tornar

conhecida e valorizada e nesta época chegamos até a receber pedidos para fazer cirurgias em pessoas vindas da capital.

Outro fato relevante que serviu de base para construção histórica e consolidação da instituição como centro de saúde na região de Porto Nacional-TO, consistiu numa eventualidade caótica, em que forçosamente os profissionais locais tiveram que se adaptar ao extremo de um atendimento de politraumatizados e múltiplas vítimas, discorre Manzano e Mazano (2005, p. 96):

Quando chegamos ao hospital parecia o fim do mundo. Três corpos de mortos estendidos na entrada quatro ou cinco pessoas ensanguentadas na sala de espera, com os médicos suturando ferimentos em várias partes seus corpos, já sem trocarem de material, pois o serviço possuía um número limitado de pacotes de suturas, e outros pacientes mais graves, se distribuíam pelos quartos e corredores do hospital, aguardando cirurgias e outros procedimentos. Foram formadas duas equipes cirúrgicas, uma utilizando a sala de parto, e nesse dia, realizaram uma sutura de fígado e intestino, esplenectomia, laparotomia por hemoperitônio e toracotomia por hemotórax. Eu fiquei na sala de Raio X e ali mesmo, tratei umas seis fraturas, sendo uma fratura de colo de fêmur e uma de joelho, além de braços quebrados e clavículas, algumas necessitando de anestesia geral. Graças a Deus, dos que chegaram vivos ao hospital, ninguém morreu, apesar de termos tido dois traumatismos de crânio.

Com o surgimento do Estado do Tocantins na década de oitenta, veio à tona a necessidade de uma unidade hospitalar adequada, voltada a população portuense e municípios adjacentes, tornando-se o Hospital Regional Público de Porto Nacional. Dotado de 79 leitos de internação, e possui na sua estrutura os setores de urgência e emergência. Ademais, dispõe de especialidade como Clínica Médica, Cirurgia Geral, Ortopedia, Geriatria, Anestesia, Gastroenterologia, Medicina do Trabalho, e equipe multiprofissional da saúde (técnicos em enfermagem, enfermeiros, nutricionistas, psicólogos, assistente social, farmacêutico), possui os serviços de exames laboratoriais de rotina, radiografia, ultrassonografia, endoscopia digestiva, contém ainda um setor de Vigilância Epidemiológica e uma Comissão de Controle de Infecção, concomitantemente possui profissionais do setor administrativo e de recursos humanos. Ademais atua paralelamente no processo de ensino dos futuros profissionais de saúde, funcionando como Hospital-Escola, sendo local de aprendizagem dos acadêmicos do curso de medicina, enfermagem e odontologia. E desde de sua gênese, possui como diferencial um atendimento

humanizado e integral a todos os pacientes que procuram a unidade, viabilizando saúde (SESAU, 2010).

7 EDUARDO MANZANO

Eduardo Manzano, 80 anos, natural de São Paulo, cursou medicina na Universidade de São Paulo (USP), foi presidente do CAOC (Centro Acadêmico Oswaldo Cruz), possui Residência Médica em Clínica Médica, pós-graduado em Medicina Tropical, ambos na USP, Número do Conselho Regional de Medicina (CRM) 107, secretário de saúde de Porto Nacional no ano de 2010, e vereador no ano de 2013, casado com Heloisa Lutufu Manzano. Foi o terceiro diretor do Hospital Dr. Francisco Ayres, posterior a Dóris e Azevedo (MANZANO, 2019).

Chegou em Porto Nacional no ano de 1968 acompanhado da esposa Heloisa Manzano, e outros companheiros, para trabalhar no hospital local, que inicialmente funcionava como unidade mista, com divisões administrativas, ambulatoriais e pronto socorro.

Afirma que o evento mais relevante e desafiador que presenciou nas entranhas hospitalares, consistiu no atendimento de um paciente com ferimento por arma branca no tórax, relata que realizou uma esternotomia, juntamente com os companheiros Azevedo e Dóris, fato ocorrido no ano de 1969 (MANZANO, 2019).

Menciona que todos os dias era um desafio. Discorre sobre uma cesariana e útero de Couvelaire, hemorragia que não cessava, menciona que realizou transfusão de sangue direto do doador para o receptor, e fez uma promessa, se a gestante sobrevivesse deixaria de fumar, a mulher sobreviveu (MANZANO, 2019).

O nosso hospital, nosso trabalho de saúde foi feito aí confessa Manzano, relembra de um programa docente assistencial nos anos de 1976 a 1982, com apoio da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e Fundação Kellog, o qual envolvia dez municípios, atendimento na zona rural, estagiários de medicina, programa de residência médica, eram desenvolvidos atendimentos com base na equidade, universalidade, integralidade e controle social, preliminar ao que viria a ser o SUS (Sistema Único de Saúde) (MANZANO, 2019).

Dentre os aprendizados na instituição, afirma descobriu que a assistência saúde possui mais qualidade quando realizada de maneira integral, buscando qualidade vida, melhorar as condições sanitárias (MANZANO, 2019).

Recorda de alguns companheiros, Antônio Carlos de Azevedo, Pedro Tauíu, Francisco Brantes de Carvalho, Marta Campos, Merval Pimenta Amorim, Célia Bastos Amorim, Jaci Silverio de Oliveira, Alberto Paiva de Moraes (MANZANO, 2019).

Afirma que se sente realizado, inclusive na vida pessoal, e assinala que gostaria de ser lembrado pelo trabalho que o hospital realizou em Porto Nacional, nos anos 1960 e 1970 (MANZANO, 2019).

E aconselha os profissionais atuais, que é preciso pensar no paciente, a medicina é feita para o paciente, é preciso gostar de gente (MANZANO, 2019).

Confessa que a Saúde do Tocantins está muito ruim, médicos maltratados, sem salários, sem medicamento, sem recurso (MANZANO, 2019).

8 HELOISA MANZANO

Heloisa Lotufo Manzano, 78 anos, natural de Santos-SP, médica, cursou na Universidade de São Paulo (USP), fez residência médica em Pediatria. Cita que, que grandes desafios faziam parte do dia-dia do Hospital Dr. Francisco Ayres, no entanto, recorda de casos potencialmente graves, que necessitavam ser transferido para um serviço de maior porte, geralmente Goiânia – GO, afirma que diversas vezes tiveram que acionar aviões da Força Aérea Brasileira (FAB), para realizar o transporte (LOTUFO MANZANO, 2019).

Ideia de trabalhar em local que precisasse de médico, permeava os pensamentos desde os dias que ouvia e convivia com missionários protestantes, foi fundado uma equipe multiprofissional para vir a Porto Nacional, desde o princípio foi motivada a seguir esse caminho do altruísmo (LOTUFO MANZANO, 2019).

Casos tristes que marcam os dias da profissão, relata os surtos de sarampo, hospital lotado, a desgraça se estabelecia, posteriormente a patologia deixava inúmeras complicações, incluindo-se pneumonia e tuberculose, nestas épocas os sonos ficavam mais curtos (LOTUFO MANZANO, 2019).

Menciona que um dos grandes desafios que passou na instituição, consistiu na saída de membros da equipe, médicos, enfermeiros e técnicos, nessa época ficou somente com Eduardo Manzano dando o suporte médico, algum tempo depois foi se reestruturando a equipe novamente (LOTUFO MANZANO, 2019).

Refere que o maior aprendizado com respeito ao hospital, ocorreu na convivência com membros da equipe multidisciplinar, trabalhar em equipe, menciona que o sentimento de ajudar toda a gente transpassava os membros do grupo. Haviam reuniões semanais, no intuito de qualificar a assistência à saúde, discutiam casos específicos, analisavam óbitos, traçavam projetos (LOTUFO MANZANO, 2019).

Confessa que a experiência de trabalhar no hospital, influenciou muito sua vida profissional, admite que o aprendizado prático contribuiu de maneira significativa na abordagem dos doentes que sofriam, declara que desenvolveu a capacidade de lidar com patologias pouco táteis na academia e depois de graduada, dentre elas destaca a tuberculose e hanseníase, garante que

aprendeu de verdade a cuidar desses tipos de enfermos (LOTUFO MANZANO, 2019).

Certifica que gostava bastante do hospital, assinala que o mesmo possuía um carácter complementar na vida do casal Manzano (LOTUFO MANZANO, 2019).

A instituição representou a possibilidade de oferecer a medicina que queríamos, possibilidade concreta de realizar assistência à saúde de qualidade, de medicina integral, com foco também em prevenção (LOTUFO MANZANO, 2019).

Dentre os pontos negativos na trajetória hospitalar, menciona a vez que foi impedida de entrar no hospital por conta de um conflito com contexto político (LOTUFO MANZANO, 2019).

Anuncia que se pudesse voltar no tempo não mudaria nada, a vida seria igual foi naqueles bons tempos, em função do hospital, dia, noite, madrugada, toda a equipe era motivada a ajudar o outro, os profissionais assumiam juntos as responsabilidades, havia um relacionamento de grupo muito bom (LOTUFO MANZANO, 2019).

Recorda de duas companheiras de labuta, a enfermeira Luzia da Silva e a médica Célia Basto (LOTUFO MANZANO, 2019).

Possui um profundo desejo de melhora na qualidade de assistência para população portuense, e aconselha os atuais profissionais a trabalhar em equipe, estimular um ambiente agradável, quando houver dúvida que solicite ajuda dos colegas (LOTUFO MANZANO, 2019).

Afirma que gostaria de ser lembrada, como uma médica realizada, que deu o seu máximo na perspectiva de melhorar a saúde dos grandes e pequenos (LOTUFO MANZANO, 2019).

9 O RELATO DA ENFERMEIRA GENEROSA AYRES DE ANDRADE

Generosa Ayres de Andrade, 87 anos, natural de Porto Nacional - TO, enfermeira, formada pela faculdade São Vicente de Paula em Goiânia mantida pelo governo estadual. Iniciou os trabalhos na antiga OSEGO (Organização de Saúde do Estado de Goiás) em 1971, sendo responsável pelo gerenciamento de fluxo de leitos de pacientes hospitalares. Assinala que sua trajetória na instituição marcou bastante sua vida, afirma que juntamente com companheiros de profissão possuíam uma motivação interior que não se explica com palavras, um sentimento de cuidado. Afirma que aprendeu a ser mais humana, a ter amor pelo paciente, vontade de querer da vida ao próximo, que sentia a dor e o sofrimento do paciente, realizava o trabalho com um profundo altruísmo (ANDRADE, 2019). Os grandes desafios ultrapassados na lida cotidiana da época, consistiu principalmente no acompanhamento dos pacientes no centro cirúrgico em parada cardiorrespiratório, e a correria no intuito de salvar o paciente (ANDRADE, 2019).

Relata que a convivência com as pessoas influenciou todas as áreas de sua vida, vendo a dor e sofrimento alheio, o amor dos colegas pelas atividades, discorre que isso fazia parte do estímulo diário, todos eram felizes. Dentre pontos negativos vivenciados, relata uma batida policial de gênese política, menciona que Dra. Heloisa foi impedida de entrar na instituição (ANDRADE, 2019).

O acidente na região da Francisquinha, localidade próxima a cidade, foi um dos maiores sufocos que passou na profissão, considera a maior demanda hospitalar que presenciou, múltiplas vítimas e casos de óbitos. Ademais descreve que o médico era polivalente, não importava etiologia, mecanismos e especialidades envolvidas no processo, o médico resolvia quase todos os casos, se gestante fazia o parto, queimadura, traumas diversos e resolução de volvos. Discorre sobre uma história de confiança que as pessoas tinham nos profissionais do hospital, “mãe chegou com filho morto, mais a mesma tinha convicção que ali, os médicos e a equipe levantavam até defunto” (ANDRADE, 2019).

Relembrou de velhos amigos de luta, como, Neli de Oliveira, Olga Jácome Brito, Emujaci Sardinha, Florisbela e Juracy Cavalcante. Como lição de vida, relata felizmente que seu trabalho abriu novo horizonte, reduziu timidez, evoluiu

como pessoa e gostaria que fosse lembrada como uma funcionária como todas as outras, como parte de um corpo que ajudou o ser humano com todo o prazer e sentimentos verdadeiros (ANDRADE, 2019)..

Relata que sua passagem pela OSEGO, representou uma vivência de amor. Aconselha os profissionais atuais, que se possível voltar àquele sentimento humano, de amor pelo paciente, de sentir a dor do outro. Afirma que queria voltar aos velhos tempos, onde acredita ser o melhor serviço de cuidados humanos. Afirma que se sente realizada, por contar sua história, menciona que era um grande sonho, pra valorizar aquela grande equipe de profissionais (ANDRADE, 2019).

10 JURACY DA OSEGO

Juracy Ferreira Cavalcante, 67 anos, de Jilbués-PI, técnico em enfermagem e técnico em contabilidade, vereador por dois mandatos em Porto Nacional - TO nas seguintes legislaturas, de 1988 a 1992 e 2000 a 2004 (CAVALCANTE, 2019). Iniciou seu trabalho no Hospital Dr. Francisco Ayres como Auxiliar de Serviços Gerais nos anos de 1976 a 1978, posteriormente fez curso de técnico em enfermagem. Após vinte e dois anos de serviço prestados na instituição e para comunidade, discorre sobre uma paciente proveniente de Santa Rosa – TO com diagnóstico de Insuficiência Cardíaca Congestiva, que devido a complexidade do caso precisou ser removida para Goiânia-GO, o transporte destinado foi uma ambulância, o traslado iniciou-se no dia 14 de março de 1989, no entanto não se concretizou, ocorreu um inesperado acidente na BR-153 que deixou o senhor Juracy tetraplégico (CAVALCANTE, 2019).

Como eventos marcantes vividos no hospital menciona as milhares de mulheres que o procuravam diretamente, para realização dos partos, afirma que realizou cerca de 5.619 partos, ademais relembra do carinho e respeito das mulheres, confessa que o fato de ter recebido 96 afilhados de crianças de partos feitos por ele mesmo (CAVALCANTE, 2019).

Dentre os desafios vividos na instituição relata os tratamentos preventivos de gestantes após parto, tratamento de doença sem remédio, rafia de ferimento por arma branca, pessoas picadas por cobras (CAVALCANTE, 2019).

Destaca que os aprendizados no hospital, o linguajar das pessoas, convivência em grupo, ser mais humano, desenvolvimento profissional e com a comunidade, reduziu timidez, adquiriu confiança de muita gente, autoestima melhorou, sentia-se motivado para cuidar do outro (CAVALCANTE, 2019).

Relembra de velhos companheiros, José Mecena Rodrigues, Ângelo do Amaral Rocha, Luzia Barreira de Sá, Adelman Justiniana, Raimundo da Cunha Barros, Luis Gonzaga de Oliveira, Eduardo Manzano, Heloisa Manzano “Mãe dos Pobres”, Jaci Silveiro de Oliveira, Merval Pimenta de Amorim, Carlos Brasileiro, Renato Rezende, Alberto Paiva de Moraes (CAVALCANTE, 2019).

A principal lição obtida no ambiente hospitalar, consistiu no desenvolvimento de habilidade em lidar com pessoas de maneira flexível (CAVALCANTE, 2019).

Declara que o hospital representou e representa uma das maiores dádivas, uma estrela na sua vida (CAVALCANTE, 2019).

Confessa que hoje possui um desejo, de voltar para dentro do hospital, para contribuir na assistência, agora devido as limitações, assinala cargos administrativos (CAVALCANTE, 2019).

Aconselha os atuais profissionais da saúde, que tenham mais amor, carinho, respeito, e foco no paciente (CAVALCANTE, 2019).

Admite que gostaria de ser lembrado, enxergando da maneira simples que é, pelo breve trabalho prestado na instituição e por sempre colocar a vida em primeiro lugar (CAVALCANTE, 2019).

11 ALBERTO PAIVA DE MORAIS

Alberto Paiva de Moraes, 01/05/1949, Buriti Alegre - GO, médico graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com residência em Anatomia Patológica pelo laboratório Bionorte, casado com Elenione Menezes Ribeiro de Moraes, pai de André Ribeiro de Moraes, Ana Ribeiro de Moraes e Alberto Paiva de Moraes Filho (MORAIS, 2019).

Iniciou os trabalhos no Hospital Dr. Francisco Ayres em janeiro de 1977, era responsável pelo setor de anatomia patológica, ademais trabalhava como médico generalista e não se restringia a uma subárea específica (MORAIS, 2019).

Afirma que às vezes era estressante lidar com a demanda hospitalar, isso devido o médico ser polivalente, uma correria, muitas atividades para um só profissional, isso nos plantões (MORAIS, 2019).

O maior desafio que enfrentou no seu percurso hospitalar, consistiu em um ferimento por arma branca, na transição entre tórax e abdome, realizou laparotomia, sem resolução, prosseguiu com abertura do esterno com material ortopédico, foi evidenciado lesão pericárdica e miocárdica, confessa que foi o maior desafio da profissão, seguiu-se com sutura, e o paciente sobreviveu sem complicações (MORAIS, 2019).

Como lições de vida, menciona que viu na prática a medicina ser importante, com capacidade de ajudar as pessoas, e reitera que todo mundo é igual independente da condição financeira, ademais refere que o relacionamento com o público o fez crescer como pessoa (MORAIS, 2019).

Recorda de velhos companheiros, Eduardo Manzano, Jaci Silverio, Merval, Heloisa Manzano, Célia Bastos, Luiz Aldenir (MORAIS, 2019).

Declara que a maioria do seu aprendizado como profissional ocorreu no hospital, desde anestesia, cirurgia, ortopedia, ginecologia e obstetrícia, pediatria, foi uma grande fonte de aprendizagem (MORAIS, 2019).

Confessa que a instituição representa uma escola de vida, escola profissional, e reafirma que a instituição foi extremamente relevante para sua profissão, admite que aprendeu a conduzir os serviços médicos nas práticas vivenciadas. Concomitantemente, repassava o que aprendeu para os estagiários

e residentes. Menciona duas pessoas que admira desde o princípio, os doutores Eduardo Manzano e Merval (MORAIS, 2019).

Assegura que se pudesse voltar no tempo não mudaria nada, admite que as experiências foram relevantes, no entanto não queria que voltasse (MORAIS, 2019).

Deseja que o hospital melhore, a população precisa do atendimento do hospital. Gostaria de ser lembrado pelos os inúmeros plantões que fez, inclusive nos domingos (MORAIS, 2019).

12 MECENA

José Mecena Rodrigues de Oliveira, nascido em 12 de novembro de 1951, natural de Porto Nacional, técnico de enfermagem, casado com Raimunda Borges da Silva Rodrigues, com a seguinte filiação, Marcelo Borges Rodrigues, Leno Borges Rodrigues, Luiza Helena Borges Rodrigues, Ana Cláudia Borges Rodrigues, Ana Letícia Borges Rodrigues (OLIVEIRA, 2019).

Iniciou os trabalhos no Hospital Dr. Francisco Ayres dia 18 setembro de 1973 e permaneceu na instituição por 43 anos. Assinala que trabalhou muito na área de centro cirúrgico, instrumentando cirurgias (OLIVEIRA, 2019).

Menciona que muitos foram os desafios, cada dia era uma coisa diferente, cada dia algo novo, era uma luta diária, desde de medicamentos a suturas, mais sempre na cabeça o intuito de dar o melhor aos enfermos (OLIVEIRA, 2019).

Refere que muitos foram os eventos marcantes em sua trajetória no hospital, mais destaca os pacientes que chegavam em parada cardiorrespiratória, que por muitas vezes realizava o primeiro atendimento, os pacientes reagiam ao choque, isso era marcante ressalta (OLIVEIRA, 2019).

Relata que sempre procurou ser amigo de todos os integrantes da equipe, e os considera como irmãos até hoje, uma verdadeira família, a responsabilidade era distribuída, existia um respeito mútuo, independente da profissão (OLIVEIRA, 2019).

Confessa que um dos maiores aprendizados adquiridos no interior da instituição, consistiu na habilidade de respeitar o próximo, acolher o doente, amenizar o sofrimento do outro e o trabalho em equipe (OLIVEIRA, 2019).

Afirma que o hospital representa um lugar de parceiros, de amigos, de assistência, de lembranças boas e muitos desafios. Relata que se pudesse refazer sua trajetória, não mudaria nada, tudo ocorreu da forma que deveria (OLIVEIRA, 2019).

Cita grandes amigos, como, Luiz Gonzaga, Juracy Cavalcante, Sebastião Feitosa, Luzimar, Euzita, José Florêncio, Haroldo Bandeira (OLIVEIRA, 2019).

Aconselha os companheiros atuais, que todos os funcionários devem trabalhar com respeito e humildade, procurando o melhor para o paciente (OLIVEIRA, 2019).

Gostaria de ser lembrado, como uma pessoa alegre e satisfeita pelos trabalhos prestados na instituição (OLIVEIRA, 2019).

13 HOSPITAL REGIONAL DE PORTO NACIONAL 2019

Instituição localizada no município de Porto Nacional Tocantins, na avenida Murilo Braga, nº 1592, tendo como mantenedora Secretaria de Estado da Saúde. É dotada de 123 leitos, divididos em especialidades cirúrgicas e clínicas, Quadro 1. São desenvolvidas na instituição atividades ambulatoriais e hospitalares de média complexidade, e serviços de apoio ao diagnóstico médico, tais como exames laboratoriais e de imagem. Possui cerca de 587 funcionários, distribuídos em cargos via concurso e contratos trabalhistas (CNES, 2019).

O HRPN é atualmente um centro de referência para região de saúde Amor Perfeito, esta com 13 municípios, dentre eles, Porto Nacional, Fátima, Oliveira de Fátima, Brejinho de Nazaré, Ipueiras, Santa Rosa, Chapada da Natividade, Natividade, Monte do Carmo, Silvanópolis, Pindorama, Ponte Alta do Tocantins, Mateiros, a instituição é o principal centro de saúde para 7% da população do estado do Tocantins, cerca de 100.947 mil habitantes, se estendermos o cálculo enquanto ao número de usuários do SUS, 93,8% dessa população se necessitarem de um centro de referência serão direcionados ao HRPN, somente quadros graves irão direto para o principal centro estadual de saúde, o Hospital Geral de Palmas (HGP) (IBGE, 2010; SESAU, 2014).

Quadro 1 – Número de Leitos do HRPN

Leitos da Especialidade Clínica	Número de Leitos	Leitos da Especialidade Cirúrgica	Número de Leitos	Leitos de outras Especialidades	Número de Leitos
Cardiologia	10	Cirurgia Geral	24	Crônicos	5
Clinica Geral	38	Ortopedia e Traumatologia	20	Psiquiatria	2
Geriatria	16	Oftalmologia	1		
Hansenologia	1	Ginecologia	4		
Nefrourologia	1	Buco Maxilo Facial	1		

Fonte: CNES (2019).

Possui serviços de assistência a saúde, tais como, Serviço Estadual de Reabilitação, ambulatório de ortopedia, urgência e emergência, e internação,

fornecendo saúde para cerca de 60.323 pessoas por ano, de Porto Nacional e municípios limítrofes, detalhes no quadro 2 (HRPN, 2018).

Quadro 2 – Serviços de Assistência a Saúde do HRPN

Ano	Serviços	Atendimentos
2018	Serviço Estadual de Reabilitação	10.638
2018	Ambulatório • Pronto Atendimento • Ambulatório de Ortopedia	6.588
2018	Internação	3.735
2018	Pronto Socorro • Urgência e Emergência	39.362
		Total: 60.323

Fonte: HRPN (2018).

Do ponto de vista cirúrgico, realiza-se procedimentos que abrangem as seguintes especialidades, Cirurgia Geral, Ortopedia e Traumatologia, Cirurgia Oncológica, Cirurgia Vascular, Oftalmologia, Urologia, Ginecologia, Buco-Maxilo-Facial, com aproximadamente 1.847 procedimentos anuais, ver detalhes no quadro 3 (HRPN, 2018).

Quadro 3 – Serviços de Assistência Cirúrgica do HRPN

Ano	Especialidade	Nº Procedimentos
2018	Cirurgia Geral	801
2018	Ortopedia e Traumatologia	552
2018	Cirurgia Oncológica	1
2018	Cirurgia Vascular	2
2018	Oftalmologia	9
2018	Urologia	21
2018	Ginecologia	154
2018	Buco-Maxilo- Facial	78
		Total: 1.847

Fonte: HRPN (2018).

14 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo consiste em um cuidadoso resgate dos aspectos históricos da instituição hospitalar tocaninense hoje conhecida como HRPN. O estudo além de avaliar documentos referentes nosocômio, junta relatos de pessoas importantes na história do referido hospital, contribuindo de maneira definitiva para a preservação do memorial da saúde em Porto Nacional.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Generosa Ayres. Entrevista Concedida a Mateus Gomes da Silva Filho e Anderson de Oliveira Ireno. 18 de maio. 2019.

CADASTRO NACIONAL DE ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE (CNES). Módulo Básico – Identificação, caracterização, infraestrutura, atividade, atendimento e classificação do estabelecimento. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/pages/estabelecimentos/ficha/samu192/1718202786125>. Acesso em: 17 abr. 2019.

CADASTRO NACIONAL DE ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE (CNES). Módulo Básico – Identificação. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/pages/estabelecimentos/ficha/identificacao/1721002786117>. Acesso em: 17 abr. 2019.

CADASTRO NACIONAL DE ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE (CNES). Módulo Básico – Identificação, caracterização, infraestrutura, atividade, atendimento e classificação do estabelecimento. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/pages/estabelecimentos/ficha/samu192/1718202786125>. Acesso em: 17 abr. 2019.

CAVALCANTE, Juracy Ferreira. Entrevista Concedida a Mateus Gomes da Silva Filho e Anderson de Oliveira Ireno. 18 de maio. 2019.

Hospital Regional de Porto Nacional – Sistema de Gerenciamento Ambulatorial (SOULMV). **Relatórios de Origens de Atendimento**. Porto Nacional, 2018, 1 f. (Texto digitado).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/porto-nacional/panorama>. Acesso em: 18 de maio 2019.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/107>. Acesso em: 18 de maio 2019.

LISBOA, Teresinha Covas. Breve História dos Hospitais – Da Antiguidade à Idade Contemporânea. **Notícias Hospitalares**, n. 37, p. 1-32, jun/jul. 2002.

LISBOA, Teresinha Covas. Breve História dos Hospitais – Da Antiguidade à Idade Contemporânea. **Notícias Hospitalares**, n. 37, p. 1-32, jun/jul. 2002.

LOTUFO MANZANO, Heloisa. Entrevista Concedida a Mateus Gomes da Silva Filho e Anderson de Oliveira Ireno. 18 de maio. 2019.

MACEDO, Luciana Reis; MENESES, Verônica Dantas. Jornalismo e militância no Tocantins: O jornal Norte de Goyaz e a criação do Estado do Tocantins. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Rio de Janeiro**, p. 1-15, ago. 2015.

MANZANO, Eduardo. Entrevista Concedida a Mateus Gomes da Silva Filho e Anderson de Oliveira Ireno. 21 de maio. 2019.

MANZANO, Heloisa Lotufo; MANZANO, Eduardo. Capítulo VII – Passos Iniciais. **Nas Barrancas do Tocantins**. Goiânia: América, 2015, p. 70.

MANZANO, Heloisa Lotufo; MANZANO, Eduardo. Capítulo XI – Acidente da Francisquinha. **Nas Barrancas do Tocantins**. Goiânia: América, 2015, p. 96.

MANZANO, Heloisa Lotufo; MANZANO, Eduardo. Capítulo XI – Acidente da Francisquinha. **Nas Barrancas do Tocantins**. Goiânia: América, 2015, p. 75.

Ministério da Saúde (MS) – Departamento Nacional de Saúde - Divisão de Organização Hospitalar. Breve Notícia Histórica Sobre os Hospitais em Geral. *In:_____*. **História e Evolução dos Hospitais**. Rio de Janeiro, 1944, p. 7-46.

Ministério da Saúde (MS) – Departamento Nacional de Saúde - Divisão de Organização Hospitalar. Evolução do Hospitais. *In:_____*. **História e Evolução dos Hospitais**. Rio de Janeiro, 1944, p. 47-54.

Ministério da Saúde (MS) – Departamento Nacional de Saúde - Divisão de Organização Hospitalar. Hospitais da América. *In:_____*. **História e Evolução dos Hospitais**. Rio de Janeiro, 1944, p. 55-59.

Ministério da Saúde (MS) – Departamento Nacional de Saúde - Divisão de Organização Hospitalar. Breve Notícia Histórica Sobre os Hospitais em Geral. *In:_____*. **História e Evolução dos Hospitais**. Rio de Janeiro, 1944, p. 7-46.

Ministério da Saúde (MS) – Departamento Nacional de Saúde - Divisão de Organização Hospitalar. Evolução do Hospitais. *In:_____*. **História e Evolução dos Hospitais**. Rio de Janeiro, 1944, p. 47-54.

Ministério da Saúde (MS) – Departamento Nacional de Saúde - Divisão de Organização Hospitalar. Hospitais da América. *In:_____*. **História e Evolução dos Hospitais**. Rio de Janeiro, 1944, p. 55-59.

MORAIS, Alberto Paiva. Entrevista Concedida a Mateus Gomes da Silva Filho e Anderson de Oliveira Ireno. 18 de maio. 2019.

OLIVEIRA, José Mecena Rodrigues. Entrevista Concedida a Mateus Gomes da Silva Filho e Anderson de Oliveira Ireno. 18 de maio. 2019.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um Porto no Sertão – Cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910**. Goiânia, 1997. 177 p. Dissertação (Mestre em História). Universidade Federal de Goiás.

Prefeitura de Porto Nacional (PPN). Disponível em: <http://www.portonacional.to.gov.br/>. Acesso em: 18 de maio 2019.

Secretaria de Estado da Saúde do Estado do Tocantins (SESAU-TO). **Histórico do Hospital Regional Público de Porto Nacional**. 2010, 2 p.

ANEXOS

ANEXO A – Catedral e casarões



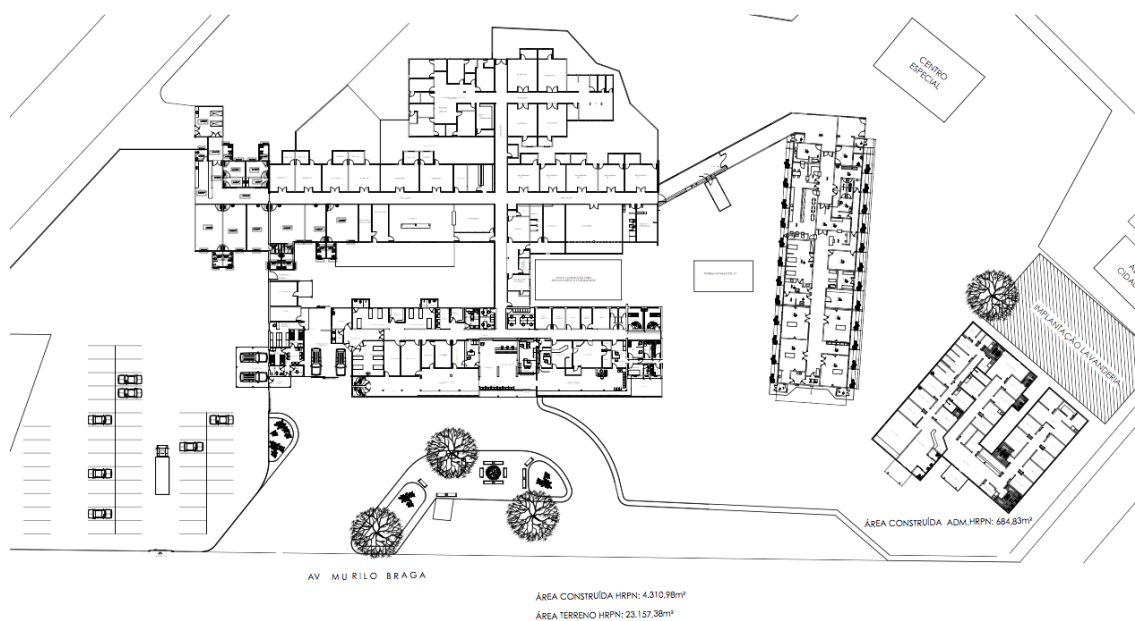
Fonte: IPHAN, (2019).

ANEXO B – Porto Nacional Atual



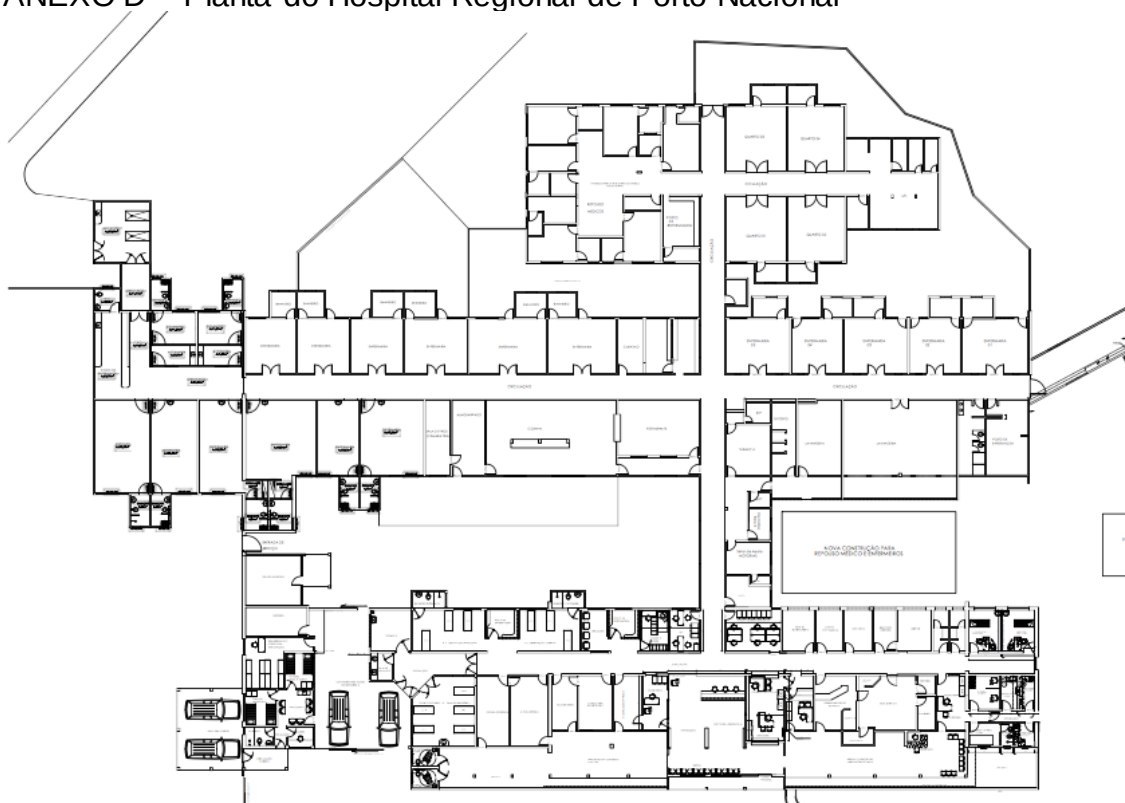
Fonte: PPN, (2019).

ANEXO C – Planta do Hospital Regional de Porto Nacional



Fonte: HRPN, (2019).

ANEXO D – Planta do Hospital Regional de Porto Nacional



Fonte: HRPN, (2019).